

Rua Fria em Collares

Cintra e Collares estão sentadas nas abas da mesma serra, ambas voltadas para o norte, em uma exposição egual, ou quasi identica, e apenas afastadas uma da outra obra de cinco kilometros, ou pouco mais.

Cerca-as o mesmo terreno feracissimo, em que a vegetação brota espontaneamente, e se desenvolve com tal pompa e viço, que parece querer mover ciumes ás regiões tropicaes. Cobre-as o mesmo ceo, radiante de formosura e pureza, cheio de benignidade, e prodigamente dispensador dos orvalhos matutinos, com que as plantas mais vigoram e se abrilhantam.

Finalmente, ambas são ricas de bosques, de penhas, de fontes, e de outras bellezas campestres com que se adornam e variam os mais amenos e graciosos quadros da natureza.

Pois apesar d'esta egualdade de condições, filha da Providencia, caprichou a sorte em as desegualar no favor dos homens. Cintra recebeu em dote, das mãos da fortuna, a coroa de soberana. Ennobreceu-se com paços reaes; ornou-se com lindos palacios e casas de campo, com sumptuosas quintas de regalo, e com obras de arte de variado genero. A historia registou em seus archivos muitos successos que lhe dizem respeito, e que tambem pertencem aos annaes de Portugal. A poesia celebrou-lhe os encantos e apregoou-lhe os dons. Cantou-a, em fim, na sua lyra de oiro, chamando-lhe *paraiso terrestre* um dos maiores poetas dos tempos modernos.

Collares, coitada, ficou esquecida em trajo aldeão, não obstante a sua categoria de villa. Não tem palacios, nem casas tão esplendidas, nem quintas de tanto luxo de arte como a sua rival. Não a illustram com a sua assistencia os titulos da corte, nem os embaixadores dos soberanos. A sua historia não falla de reis, nem de principes, nem de poetas eminentes. Enfeita-se simplesmente com o escudo de armas da villa, e com a lenda popular do seu castello d'outr'ora, que deu origem ao brazão.

A sorte é sempre assim, assim em tudo, quer sejam animados ou inanimados os seres que protege ou persegue. Raras vezes os seus favores tem mais fundamento do que o capricho.

Se despojassem Cintra dos seus pergaminhos de nobreza, das suas tradições historicas e das suas decorações artisticas, pertenceria a Collares, sem duvida, o premio de honra do certamen da formosura. Aquella prevaleceria na grandeza dos contrastes e no dilatado dos horisontes; mas esta levar-lhe-hia a palma na graça, na frescura, na amenidade, e na singeleza das paizagens.

A primeira fallaria tão sómente ao espirito, exaltando-o com os seus rochedos acastellados e penhas-

cos ponteagudos, com os seus bosques elevando-se aos ares d'entre as fendas da penedia, ou pendurados das rochas, debruçando-se sobre os abysmos; e com as suas torrentes de purissimas aguas a despenharem-se com fragor pelas quebradas da serra, formando vistosas cascatas.

Porém a segunda fallaria ao coração a linguagem que mais o toca e sensibilisa. Falla-lhe, de certo, com os seus recostos da serra suavemente inclinados, e assombrados de espessos castanhaes, d'onde os olhos relanceiam a furto, por entre a ramagem, longinquas vistas de terras e de Oceano. Falla-lhe com as suas quintas, mais modestas, mas não menos cheias de sombras e de logares aprazíveis; com as mil fontes, que nascem humildes e descem para o valle, deslisando-se brandamente sobre alcatifas de relva, ou saltando, com doce murmurio, por cima de alvos seixinhos. Falla-lhe, em fim, com os prados viçosos e pomares floridos, que se estendem ao longo do seu rio das *Maçãs;* com as arvores e arbustos que lhe toldam o leito entrelaçados; com a sua preza da *Varzea*, onde se espelham as arvores corpulentas que a guarnecem; e com outros muitos sitios silvestres, mas singularmente amenos e bellos.

A nossa gravura, copiada do natural pelo sr. Pedroso, que habilmente a desenhou e gravou, representa um d'estes ultimos quadros, no qual a arte apenas creou mesquinhamente quanto bastasse para dar realce, pelo contraste, ao que a natureza pomposamente adornou.

É uma paizagem que se recommenda á vista pela sua simplicidade e gracioso aspecto; e que offerece a quem a visita a sombra e frescura de copadas arvores, que fazem compacta abobada de folhagem a uma rua que vae correndo entre pomares. As casas rusticas e a singela fonte que se erguem á entrada da sombria rua; as arvores de variados matizes, que se levantam no centro, enlaçando-se em estreito abraço, como se quizessem formar escura lapa; o proprio mal gradado do terreno; tudo faz um conjuncto de objectos, campestre, engraçado e pittoresco.

Chama-se *Rua Fria*, e conduz á Varzea por caminho mais breve do que o principal, a quem deixa a praça da villa, e segue pela rua que desemboca na mesma praça, em frente da estrada que vae para Cintra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## AMOR DE CIGANA

### I

### A FESTA DA AZEITONA

Os leitores do *Archivo*, que tiverem tido a paciencia de percorrer essas pobres narrativas que tem apparecido firmadas com o meu nome nas paginas d'este jornal, lembram-se talvez da *Visão do precipicio*, romance em que eu os iniciei nos mysterios do lagar de azeite, e em que lhes mostrei de relance um dos quadros do singelo viver campesino, e das rudes occupações dos cultivadores do Riba-Tejo.

Se a excursão lhes não desagradou, convido-os para outra. Saiamos de novo de Lisboa, e vamos bater ás portas d'essas quintas, assistir aos alegres folgares d'essa boa gente, folgares perfumados com a franca jovialidade, e impregnados da singeleza patriarchal dos bons tempos d'outr'ora.

Estamos em novembro, e o sopro gelado do inverno já convida a accender-se o brazeiro, e a agruparem-se-lhe em torno as familias, sentindo crepitar a lenha, e estalarem as castanhas e as bolotas, que as crianças assam alegremente ao lume da lareira. Ainda não principiou a estação dos temporaes, e estão-se acabando á pressa as colheitas, antes que as venha perturbar o genio furioso das procellas.

A quinta, onde eu agora tenciono introduzir os meus leitores, é vasta e productiva. A aragem fria de novembro faz ondular a copa dos seus immensos pinhaes, e um exercito de varejadores doideja, ri, e tagarella por baixo da folhagem cinzenta das suas oliveiras. As vinhas misturam-se a perder de vista com as searas; e o pomar, a horta, e o jardim vão-se abrigar á sombra das paredes da casa, ousando até este ultimo destacar como vedetas, roseiras e jasmineiros, que vão, trepando silenciosamente, espreitar pelas janellas, e enviar o seu perfume, como suave homenagem, aos donos d'esse pequeno mundo.

No dia em que chegámos terminou a colheita da azeitona, e, segundo o costume, ha de se celebrar a festa, cuja risonha perspectiva bastára para suavisar, aos olhos dos aldeãos, todos os trabalhos de dois mezes. Depois do labutar incessante vem o dia de regozijo! Depois da campanha fadigosa o triumpho ambicionado. Os varejadores vão subir ao Capitolio!

Os almocreves de noticias da localidade já espalharam por toda a parte que ia haver *adiafa* na quinta de tal. Nem os prégadores da *azzhala* da guerra santa contra os christãos podiam ser tão bem acolhidos pelos fieis crentes de Mafoma, como estes noticiaristas oraes o eram pelos alegres camponezes dos arredores! Vae haver *adiafa*. *Adiafa!* palavra magica, que envolve a idéa de vinho á discrição, comida a fartar, e bailarico até as pernas dizerem «basta». *Adiafa!* isto é a festa da azeitona, a noite de beneficio dos varejadores, o gaudio rasgado, o reinado da folia! Vão lá offerecer o throno do universo sem *adiafa*, e adormeçam-me todos os leitores na segunda linha d'este romance, se se encontrar varejador que acceite!

Subamos a escada de pedra, ao cimo da qual se topa o alpendre, peristylo rustico d'estas vivendas campestres, e entremos sem receio na vasta casa de entrada, mobilada simplesmente com bancos de pinho. A hospitalidade é um dever sagrado dos proprietarios do Riba-Tejo, e nenhum, por mais duro que tenha o coração, ousa esquivar-se ao cumprimento d'elle. Subamos pois; espera-nos um bom acolhimento.

O sol vae sumir-se por traz dos montes, e os seus ultimos raios cingem com aurea coroa desmaiada a cabeça granitica dos pincaros. As cabras saltam de rochedo em rochedo, procurando a herva que brota nas fendas inaccessiveis das pedras. Ás vezes param, tomando por pedestal uma rocha empinada sobre o abysmo, contemplando-o tranquillamente, em quanto as pontas se lhes incendeiam na moribunda chamma do astro do dia. Ao vêl-as assim tão familiares com o precipicio, como que illuminadas de uma luz infernal, occorrem ao espirito as lendas da edade média, e contemplam-se com um certo terror os reconcavos do monte onde se aninham as trevas, receando ver surgir repentinamente a figura sombria de Satanaz, tal como a representam as crenças populares. Uma vaga e saudosa toada do canto de um pastor, que vem repercutindo de quebrada em quebrada, cheganos ao ouvido, que lhe aspira avidamente a sentida poesia. No valle, já envolto em sombras, ondulam as arvores, deixando cair em cada ondulação uma folha, e em cada folha um suspiro. O vento passa zunindo através dos pinhaes, arrancando a cada uma d'essas lyras um queixume, que nos vem repetir de envolta com o murmurio das aguas. O horisonte cinge-se com um listão alaranjado, e na atmosphera fluctua essa indefinida tristeza das lindas tardes do outono.

Vae grande arruido a essa hora na casa de entrada, onde eu e o leitor penetrámos. N'esse dia, como dissemos, findára a colheita da azeitona, e estava-se rea-

lisando a *adiafa*. Um pequeno olival, visinho á vivenda dos donos da quinta, fôra reservado para o ultimo varejo, mais para satisfazer a uma formalidade, do que por se não poder completar a colheita na vespera do grande dia. Mas a etiqueta camponeza assim o exige. Varejar o pequeno olival é como pôr a ultima pedra n'um edificio, pretexto para a festividade. Já para esse trabalho os varejadores e apanhadeiras foram vestidos com os seus fatos ricos, e procedeu-se ao varejo com uma gravidade que não deslustraria o inaugurar de um caminho de ferro. Antes do meio dia estava tudo prompto, e os alegres varejadores, com o coração palpitante, enfileiraram-se atraz do seu chefe, que arvorou, em tão solemne momento, a bandeira da procissão, onde figurava um registo da Virgem, cercado de vistosos laços de differentes côres. O capataz abriu a marcha, e caminharam na sua retaguarda os festivos pares aldeãos.

Apenas os donos da casa avistaram ao longe a comitiva, ordenaram que se preparasse a mesa, onde os pobres trabalhadores se haviam de regalar com um banquete, cuja suave recordação bastasse para illuminar, com esplendida luz gastronomica, as trevas das futuras e forçadas abstinencias. Um bom jantar portuguez, farto e succulento! A sopa fumegava em cima da mesa, a vacca e o arroz formavam depois em ordem de batalha. Estes manjares eram o maná que caia do ceo no deserto do estomago alemtejano. Vinha para saciar os avidos israelitas da azeitona; mas os olhos, apesar d'isso, iam-se-lhe no capado, que era a terra da promissão.

Haveria algum Moysés imprevidente, cujo appetite saciado sem reflexão succumbisse á vista d'aquella Chanaan, que saia do forno; porém, façamos justiça á grande maioria, o capado ainda encontrou um grande numero de dentes apreciadores.

Á hora em que entrámos, e em que, segundo dissemos, o sol se sumia no occaso, sumia-se tambem o ultimo pedaço do appetecido manjar no ultimo recanto do estomago do ultimo aldeão. Em quanto os varejadores saciados esperam que desça a noite para começarem as danças, penetremos nós no *sancta sanctorum* da vivenda, que é n'este caso a sala de jantar, e assistamos á conversação que se está travando entre as tres pessoas que n'ella estão reunidas.

Feliz privilegio dos auctores dramaticos! Podem travar o dialogo assim que sóbe o panno; porque o pintor, traçando o scenario, e os actores, caracterisando-se, lhes poupam o trabalho de fastidiosas descripções. O romancista, infelizmente, não é dispensado d'essa ardua tarefa. Sujeitemo-nos, pois!

A mobilia consta d'essas cadeiras forradas de coiro cravejado de pregaria, com espaldar, que dão um aspecto veneravel á quadra onde se encontram. As mesas são de páo santo com os pés torneados. N'uma das cadeiras recosta-se uma senhora de edade, cujas feições conservam ainda restos da grande belleza que devia ter na sua juventude. Um certo modo desdenhoso transtorna um pouco a venerabilidade de que se acha impregnada a sua physionomia. Infelizmente, affecta uns ares aristocraticos e protectores, fallando com um galante rapaz, que está em pé junto d'ella, dando-lhe todas as provas de acatamento e respeito, mas não podendo deixar de esconder por baixo do fino bigode loiro um sorriso um tanto zombeteiro.

Galante rapaz! — disse, e não me enganei, nem enganei o leitor.

Tinha um d'esses rostos quasi infantis, de loiros cabellos annelados, de olhar meigo e transparente, de tez branca e levemente rosada. Era uma d'essas physionomias, como suppomos que havia de ser a de Raphael de Urbino, quando a ardente Fornarina colheu nos seus labios, assombrados por uma tenue pennugem, o primeiro osculo da paixão. A comparação colhe tanto mais, quanto o moço Jorge da Silveira (assim se chamava) era pintor amador, unico modo por que essa profissão é possivel n'este paiz essencialmente artistico.

Junto da janella brilha um rosto gentil, cuja miniatura seria pintada por sir Thomaz Lawrence com enthusiasmo. Que lindos anneis de cabello caindo em profusão sobre um collo deslumbrante! Que doce timidez no olhar! Que infantil ingenuidade na graciosa boquinha! Não tem ainda as fórmas completamente desenvolvidas! Vê-se que uma educação recatada lhe não permitte pôr em relêvo a sua formosura, talvez de uma correcção demasiada! O acanhamento prejudica a expressão do rosto. Um pintor religioso podia desejal-a, talvez, para modelo. Mas um verdadeiro artista, que tem sempre, mais ou menos francamente, a sua costella de paganismo, não se podia apaixonar por aquella rosa em botão, para quem parecia que não havia de soar nunca a hora do desabrochar.

— Se teu pae fosse vivo, Jorge, dizia a senhora edosa com o seu ar imponente, não havias tu de satisfazer o teu gosto extravagante! Destinares um quarto da tua casa, casa que foi sempre frequentada por gente de bem, para lá estares mettido com esses farroupilhas que pintam monos! E dizem-me que tu tambem te entretens em pintar. Em fim, se fosse só isso, não era mau. É uma bonita prenda, que não fica mal a ninguem. O marquez de Pinhel, que ha de estar hoje um velho, isto já lá vae ha um bom par de annos, quiz por força tirar o meu retrato quando eu era menina e moça, e todos diziam que tinha ficado perfeito. Mas lá metter essa gente, que vossês chamam artistas, em casa, isso nunca! Só lá ia um, quando o marquez andava a retratar-me, para emendar alguma coisa. Estava todos os dias uma ou duas horas, mas, assim que findava o seu trabalho, mandava-se-lhe dar de jantar, pagava-se-lhe, e rua. Ai! os fidalgos não são como os mechanicos! Tu até lhes apertas a mão, andas a passeiar com elles, vestido á sua moda, com esses malditos chapeos, a que eu tenho um odio mortal! Pareces mesmo um lapuz!

— Mas, minha senhora, tornava Jorge respeitosamente, e procurando conter o riso, por que hei de eu desprezar homens que exercem uma tão nobre profissão? Mais razão teriam elles, de certo, para me desprezar a mim! Porque elles tem o que eu não tenho... o talento. E creia, minha senhora, que a aristocracia do talento é a unica legitima, porque foi essa a unica distincção creada por Deus.

— Ih! Jesus! que heresia! — tornou a velha senhora. Tu assim perdes a tua alma! E estragas o teu fato tambem, que ninguem te póde ver andar por casa quando estás com as taes malditas pinturas! Todo sujo de tintas, que pareces um besuntão! Se teu pae fosse vivo, Jorge! Se tua mãe ainda existisse! Mas, infelizmente, estás senhor das tuas acções, e desprezas os conselhos d'esta velha rabugenta, que andou comtigo ao collo, ingrato!

Um olhar supplicante da donzella, que estava contemplando, com fingida distracção, o panorama da quinta, e um gesto brusco de Jorge protestaram contra a recriminação da dona da casa.

— Engana-se, minha senhora, tornou o artista amador com voz um tanto sentida. Não sou ingrato, nem o serei nunca. Respeito-a e estimo-a, como se fosse minha mãe! Mas deixe-me observar-lhe que é injusta, e permitta-me que deseje que as suas idéas se modifiquem.

— Nunca! Sabes até o que me dizem, Jorge? Approxima-te, continuou em voz baixa, não quero que aos ouvidos de minha filha chegue similhante profanação! É uma innocente, que não conhece ainda as maldades do mundo. Sabes o que me dizem? — e olhou em torno de si como que receando que alguem a es-

cutasse. Dizem-me que recebes em tua casa... comicos!

— E por que não? — tornou Jorge já um pouco impaciente.

— Confessas?

— Confesso, já se vê!

— Confessa! Oh seculo de perversidade! O que dirá o sr. conde de Alemquer, que foi sempre tão amigo de teu pae, e que sempre tanto o protegeu!

— O que diz? Provavelmente recebe-os em sua casa tambem. V. exc. bem sabe que os salões da aristocracia se transformam frequentemente em theatros, cujos actores tem os nomes mais illustres da nobreza de Portugal. Como poderiam elles, por conseguinte, desprezar os artistas com quem pretendem rivalisar? Olhe, em França agora não se faz outra coisa!

— Louco! Julgas talvez que os fidalgos se assimilham aos mechanicos? Esses senhores tem caprichos que lhes permitte a sua posição! Isso é outra coisa! Isso é outra coisa!

A discussão, que se ia azedando cada vez mais, foi felizmente interrompida pela entrada de um homem de cincoenta a cincoenta e dois annos, de fórmas herculeas, bem parecido, com esta belleza rude que não é a formosura do amante que as mulheres devaneiam aos quinze annos, quando lêem o primeiro romance, começam o primeiro namoro, e sonham o primeiro sonho; mas sim a do marido que ellas escolhem aos trinta. Este homem, verdadeiro typo de cultivador ribatejano, bradou assim que chegou á porta:

— Ora aqui estão estas tres almas a tagarellar, e os pobres dos varejadores lá fóra á sua espera para começarem as danças. Já lá estão o tenente com a filha, que vem hoje guapa a mais não ser, o capellão, e um rapazote de Lisboa que o acompanha! E vossês sem apparecerem!

— Já lhe observei umas poucas de vezes, sr. Silvestre, tornou a senhora edosa com serenidade, que isso não são termos de fallar. Não se dá assim *vossê* sem mais nem menos, nem se faz uma bulha d'essas. Se esperaram, é a sua obrigação.

— Mas, menina, tu bem sabes...

— Está bom! Está bom! Dê-me o braço, ajude-me a levantar, e não faça mais observações. Seja em desconto dos meus peccados! — concluiu em fórma de *áparte*.

O marido ainda resmungou por entre os dentes, mas obedeceu. Jorge offereceu o braço á miniatura de Lawrence, que se fez muito vermelha, e d'esta fórma entraram todos quatro na casa, onde eram anciosamente esperados pelos aldeãos.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

---

## HIPPOPOTAMO

O cavallo marinho, *hippopotamus*, pertence á familia dos *pachydermes*, e é um dos maiores e mais feios animaes da creação. Poucos o egualam na bruteza, e nenhum apresenta, como este, tão disformes proporções.

A massa enorme e grosseira do seu corpo é sustentada por membros de consideravel diametro. Seus olhos redondos contrastam, por sua excessiva pequenez, com a desmedida grandeza da cabeça, que termina em focinho grosso e rombo. As orelhas são pequenissimas; a boca rasgada, e guarnecida de grandes dentes, dispostos em differente sentido. Os caninos são curtos, saindo apenas dos queixos. Os quatro incisivos do queixo de baixo são compridos e aguçados, dois recurvados para dentro, e dois lançados para fóra, disposição appropriada para facilmente arrancarem as raizes das plantas, de que estes animaes fazem o seu principal sustento. Os do queixo superior são curvados para baixo, e quasi cobertos pelo beiço. O ventre é tão volumoso, que, por serem curtas as pernas, por pouco não toca no chão. Tem as mãos e pés fendidos em quatro dedos, revestidos de cascos. A pelle, de côr escura, e guarnecida de raros pellos, é tão espessa, que mal deixa distinguir as articulações dos membros, e o espaço occupado pelo pescoço. A cauda é pequena, pouco susceptivel de movimento, e mais pelluda do que o resto do corpo. O seu olphato é mui fino, mas a vista e o ouvido são mais imperfeitos.

Habita o hippopotamo no interior da Africa, nas regiões cortadas por lagos ou rios, pois que, sendo amphibio, vive alternadamente na terra e na agua, e mais n'esta ainda, porque a muita espessura da pelle o obriga a humedecel-a a meudo. Mas não gosta para esse fim sómente da agua; apraz-lhe tambem, como ao porco, chafurdar nos pantanos e lodaçaes. Por esta razão nunca se afasta muito das margens dos rios ou dos lagos.

Como se nutre de raizes, de canniços, de junco, de canna de assucar e de outras plantas, não persegue os animaes para os devorar, nem mesmo para lhes fazer mal, se o não offendem.

Achando-se em terra, e sentindo ruido, o seu primeiro impulso é de timidez, e logo procura fugir para agua, onde se julga mais seguro. Todavia, irritado é feroz e temivel, pelo que é extremamente perigosa a caçada d'estes quadrupedes.

O tiro intimida-os e afugenta-os; mas, se acaso se sentem feridos, voltam-se enraivecidos, e investem, cegos de furia, o aggressor. Como succede muitas vezes resvalarem-lhes as balas sobre o corpo, sem poderem penetrar na sua grossa e durissima pelle, o caçador fica exposto a grande perigo se o feriu levemente na cabeça, onde é mais susceptivel de ser ferido, pois que não lhe será muito facil escapar á sua vingança, ou matal-o com segundo tiro, salvo se for muita a sua destreza e excellente a arma.

Isto pelo que respeita ás caçadas feitas em terra, em que o caçador, muitas vezes acompanhado tão sómente da sua espingarda, espera e espreita, escondido detraz de alguma balsa, que sáia da agua ou se aproxime á margem algum hippopotamo a que possa atirar com probabilidade de bom exito.

Em barcos, nos rios ou lagos, não são menos perigosas as caçadas. Ahi não ha só a temer a sanha das feras depois de feridas; mesmo antes correm muito risco os barcos de se virarem, surgindo por acaso debaixo d'elles algum d'esses animaes, para o qual é tão leve o peso do barco, por mais gente que contenha, que n'um instante o póde voltar, se o toma de lado, ou fazel-o sossobrar, se o levantou por qualquer das extremidades. N'este caso ameaça os caçadores novo perigo, o de serem victimas dos crocodilos, em que abundam os lagos e rios africanos.

Todavia, não obstante estes perigos e incommodos, ha muito quem se aventure a taes caçadas, pelo lucro que offerecem.

Dizem que a carne do hippopotamo é saudavel e de excellente sabor. Usam d'ella, e apreciam-n'a, os naturaes do paiz, e até muitos viajantes europeus lhe tributam elogios. Utilisam-se da pelle os indigenas para diversos misteres.

Porém nada d'isto move a cobiça dos caçadores. O que os incita a tão temerarias emprezas, em que bastantes perdem a vida, e muitos mais a saude pelas febres procedidas das exhalações paludaes, é a colheita dos dentes do hippopotamo. São de marfim superior em qualidade ao dos dentes do elephante, ficando-lhe, comtudo, inferior na facilidade com que muitas vezes amarellece. Mas, apesar d'isso, é muito

estimado na Europa, onde, entre outros empregos que lhe dão as artes, serve para a fabricação de dentes artificiaes.

A sua exportação para a Europa e para a America, especialmente para os Estados Unidos, fórma um ramo importante do commercio da Africa. Mesmo nas nossas possessões vae tomando mais vulto do que tinha d'antes. Entretanto, parece incrivel que, sendo os dentes do hippopotamo tão pequeno despojo em relação á grandeza do animal, hajam tantos individuos, não só indigenas, mas tambem europeus, que, para o recolherem, assim affrontem, ousados, os raios abrazadores do sol tropical; os miasmas deleterios dos pantanos; os resfriamentos do corpo, umas vezes mettido n'agua, outras enterrado nos lodaçaes; privações de todo o genero, em que não é raro entrar a fome; e, finalmente, a fereza não só d'aquelles quadrupedes, mas de tantas outras feras de instinctos mais sanguinarios, que costumam frequentar aquellas paragens. Tanto podem o interesse e a ambição no coração dos homens!

A habitação dos hippopotamos está hoje limitada a um territorio muito mais circunscripto do que outr'ora foi; pois que a descoberta de esqueletos fosseis d'este animal em França e na Italia, feita haverá trinta a quarenta annos, prova que, em tempos antediluvianos, havia cavallos marinhos na Europa. Aquelles esqueletos demonstraram a existencia de duas especies,



Caçada do hippopotamo

uma grande, tal como se encontra na Africa, e outra pequena, do tamanho do javali, hoje perdida.

A nossa gravura, copiada do jornal *Le Tour du Monde*, representa a situação perigosa em que se viu William Charles Baldwin, membro da sociedade de geographia de Londres, estando a caçar um hippopotamo no rio *Omsoutia*, no paiz dos *Amatongas* (Africa oriental), durante uma viagem que fez de 1852 a 1860 desde Porto Natal até ás cascatas do rio Zambese, que banha grande parte da nossa provincia de Moçambique.

O viajante inglez avistou o cavallo marinho a dormir sobre a margem do rio, junto d'agua. Para se aproximar a ponto de lhe acertar com a bala, foi-lhe preciso metter-se no rio até á cintura. Quando ia já para lhe fazer pontaria, acordou o animal sobresaltado, mas em vez de fugir, arremetteu contra o caçador. Disparou-lhe este o primeiro tiro, ferindo-o levemente junto da orelha. A dor, obrigando a fera a sacudir a cabeça, e a suspender por um momento a sua carreira, deu tempo ao segundo e ao terceiro tiro, que acertaram, penetrando-lhe as balas no corpo, com que novamente se suspendeu, retrocedendo logo para se escapar e sumir nas aguas, quando uma ultima bala o matou, penetrando-lhe na cabeça entre a orelha e o olho.

É este o lance que a gravura mostra.

O nosso museu de Historia Natural, ao presente estabelecido no edificio da Eschola Polytechnica, possue um hippopotamo empalhado.

I. de Vilhena Barbosa.

## VICTOR HUGO

(Vid. pag. 3)

### III

Entrando como pensionista no collegio Cordier, Victor Hugo tomou ali conhecimento com Julio Claye, homem intelligente, e que depois veiu a ser o primoroso impressor das obras do poeta.

O talento e a vivacidade dos filhos do general Hugo soube para logo conquistar as sympathias e o prestigio de todos os condiscipulos, por modo que elles consideravam os novos alumnos como seus chefes. D'aqui nasceu a superioridade, que não só exerciam sobre os alumnos, senão tambem sobre os mestres, os quaes ainda mais invejaram Victor Hugo quando adquiriram a certeza de que este, ao completar os treze annos, havia já escripto treze cadernos de versos.

Passaram os Cem Dias, o segundo famoso reinado de Napoleão I. O moço poeta, embora encerrado no collegio, pôde, todavia, observar do alto de um zimborio o movimento dos alliados prussos e russianos, ouvir as descargas da infanteria e da artilheria, e ver o sangue regar as florzinhas do prado. Era em junho; e o sol raiára esplendido! A luz do dia tornava, por isso, mais radiante o quadro bellico.

Victor não chegou bem a divisar tudo, mas sentiu extraordinaria commoção.

Durante o tempo que esteve no collegio, de 1815 a 1818, fez versos de differentes especies; imitou Os-

sian, traduziu Virgilio, Horacio, Marcial, e outros; compoz romances, fabulas, epigrammas, madrigaes, etc., uma opera comica e um poema de 500 versos, intitulado o *Diluvio*. Encontra-se n'este poema uma curiosa nota, pela qual se vê que o moço poeta sabia julgar o merecimento das suas composições.

Conhece-se, pela nota, que nos 500 versos do *Diluvio*, havia sómente 20 *maus*, 32 *bons*, 45 *optimos*, 5 *soffriveis* e 1 *fraco*. Os 427 restantes não tinham qualificação possivel. [1]

Quando escrevia novo caderno, rasgava o antecedente; e se por ventura algumas paginas o satisfaziam, declarava no fim d'ellas que as fizera contando treze annos apenas. A sua modestia queria encontrar boa desculpa na edade.

Depois do poema do *Diluvio*, escreveu a tragedia em cinco actos, *Irtamène*. Esta segunda obra, que devia ter o destino da primeira, isto é, ficar para sempre nos manuscriptos da mocidade, provava fé sem limite na realeza (dos Bourbons, inspirando-se das idéas de sua mãe) e odio eterno á tyrannia.

Seguiu-se á *Irtamène*, outra, os *Scandinavos*, que não passou do segundo acto. D'esta peça entrou no drama, lançando na tela um bosquejo, que é sem duvida a real origem do seu theatro.

IV

A nova obra dramatica intitulou-se: *Ignez de Castro, melodrama em tres actos com dois intermedios*, e só agora se deu á publicidade.

Tratava-se de um episodio da historia portugueza que serviu de assumpto a tão variados escriptos, sobre tudo pela fama que lhe deu o immortal poema do principe dos poetas de Hespanha. [2]

É mister fazer especial menção do melodrama, que, embora nos pareça extraordinario, excita-nos todavia a curiosidade. E depois não se encontra singularmente esta peça *in extenso* nas memorias? [3] Será, pois, esta mais uma razão para a resumirmos aqui.

---

Entram no melodrama, entre outros, os seguintes personagens: *Affonso o Justiceiro*, [4] rei de Portugal, *D. Pedro*, infante de Portugal, a *Rainha*, *Ignez de Castro*, dama de honor da rainha, os dois filhos de Ignez, *o alcaide de Alpuñar*, *Romero*, camponez, *Albaracin*, chefe dos moiros, o *chanceller de Portugal*, e o *presidente do supremo conselho*. Figuram tambem, para tornar mais pomposa a peça, juizes, guardas, camponezes, caçadores, donzellas e guerreiros moiros, etc. A acção passa-se em Lisboa e nos seus arrabaldes.

O primeiro acto representa uma floresta ou matta onde se vê uma choupana. Albaracin, chefe dos moiros, disfarçado em mendigo, procura alli os filhos que Ignez de Castro tivera do infante D. Pedro, cujo secreto matrimonio lhe é conhecido, e participa esta averiguação ao alcaide de Alpuñar, que, na qualidade de confidente da rainha, e ambicionando o cargo de corregedor de Lisboa, promette ao mendigo as boas graças da esposa del-rei Affonso se lhe der as provas da união clandestina.

O chefe dos moiros pensava que entregando os filhos de Ignez á gente da corte, afastaria do exercito portuguez o infante D. Pedro, o qual, para os seus, era general invencivel, e d'este modo saciaria o odio da rainha, que jurára a perda de Ignez porque o infante não queria casar-se com uma sobrinha de sua magestade.

Os filhos de Ignez tinham sido entregues ao cuidado de um camponez (Romero), que ignorava quem era a mãe d'elles, embora desconfiasse de uma joven senhora de alta jerarchia, que os visitava de vez em quando, e lhes deixava ricos brindes e dinheiro avultado.

Fez o acaso, que houvesse em certo dia caçada real, e que os caçadores dirigissem a exploração para a parte da matta, onde estava a choupana. O alcaide aproveitou muito bem tal circunstancia, e denuncía para logo á rainha a existencia das crianças n'aquella paragem. Na regia comitiva figura a dama de honor Ignez de Castro.

A rainha exige de el-rei que visite a choupana, onde encontrará os fructos do consorcio clandestino; porém sua magestade nega-se a satisfazer os desejos da augusta esposa. A final, as proprias criancinhas denunciam a infeliz correndo ao encontro de Ignez e dando-lhe o nome de *mãe!* Esta doce palavra e a perturbação da dama de honor chamam a attenção delrei, que interrogando a joven senhora, consegue d'ella a cónfissão do seu consorcio no carneiro dos Castros com o infante de quem as criancinhas eram filhos legitimos. El-rei dá então ordem para que prendam Ignez e a encarcerem no forte de Lisboa, confiando a sua guarda ao conde de Mayo.

Segue-se o primeiro intermedio. Apparece o acampamento da moirama, junto do mar, onde se vêem galeras tambem moiriscas. Ha festejo; canta-se e dança-se. Albaracin, que estivera ausente, volta ao exercito para participar que, por seu zelo, conseguiu que D. Pedro de Portugal abandonasse os soldados portuguezes por causa de uma mulher, e incita os moiros a que avancem a fim de plantar o crescente nas muralhas de Lisboa.

No segundo acto verifica-se o julgamento de D. Ignez no tribunal do reino. A sala tem de um lado o throno e do outro o cadafalso. O pregoeiro da justiça annuncia a convocação do conselho da nobreza de Portugal e dos Algarves, e el-rei declara que se deve julgar a accusação de D. Ignez, condessa de Castro, por ter seduzido e desposado secretamente D. Pedro, infante de Portugal. O pregoeiro cita o artigo da lei que manda applicar a pena de morte aos vassallos que se casarem com alguma pessoa da familia real de Bragança, e el-rei sae para que o conselho da nobreza possa julgar com independencia.

Vem D. Ignez á presença do tribunal. Depois de verificada a identidade da accusada, o pregoeiro declara que perante elle fôra um frei Urbano Velasquez, religioso de S. Francisco e capellão do castello dos Castros, o qual frei recebêra D. Ignez com um desconhecido chamado D. Pedro de Portugal. Os juizes duvidam de que o frade reconhecesse no desconhecido a pessoa do infante, escrupulisam em applicar a pena

[1] *Victor Hugo raconté*, tom. I, pag. 277.

[2] O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que depois de ser morta foi rainha.
LUSIADAS — *Est.* CXVIII.

Estavas linda Ignez posta em socego,
.............................................
Nos saudosos campos do Mondego.
*Est.* CXX.

..........lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino...
*Est.* CXXX.

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro........
As espadas banhando.
*Est.* CXXXII.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
*Est.* CXXXV.

[3] *Victor Hugo raconté*, t. I, de pag. 313 a 375.

[4] D. Affonso IV, o *Bravo*, pae de D. Pedro I, o *Cru ou Justiceiro* (1325-1357).

de morte á accusada e requerem a comparencia do infante, o que todavia se não póde effeituar sem licença del-rei. Ha divergencia entre os juizes. O presidente do tribunal suspende a sessão para que o conselho, dirigindo-se á capella, implore o auxilio da Providencia para o final julgamento.

Muda-se a scena. Apparece o interior de um carcere. O alcaide de Alpuñar lastima as divergencias do supremo conselho, que inquietam a rainha; sua magestade sabe que o infante é poderoso, que os grandes estimam-n'o ou temem-n'o, e que o povo adora-o; mas elle é o confidente da rainha; qualquer que seja o resultado do processo, a sorte de Ignez está decidida, e cumpre-lhe portanto ser executor de alto designio. O carcereiro será o complice e dará certa bebida á presa.

A esta scena seguem-se outras de grande sentimento. D. Pedro alcança do conde de Mayo licença para que D. Ignez veja os filhos, e disfarçado acompanha Romero n'essa visita. O camponez não conhecia o infante. D. Ignez corre a abraçar as criancinhas, rolando-lhe pelas faces lividas grossas lagrimas, e lastima o seu infortunio de morrer sem dar talvez o derradeiro adeus a D. Pedro, o esposo querido. O infante não resiste a esta expressão de entranhavel affecto e dá-se a conhecer.

D. Pedro quer arrostar com tudo, quer sacrificar pae, throno, e patria ao amor de Ignez, e convida-a com a maior instancia a que fuja com elle. A infeliz resiste, porque não deseja a perda do infante. Redobram as supplicas, mas nem por isso é menos pertinaz a recusa de D. Ignez, porque assim julga poupar o esposo á deshonra eterna, e em lagrimas implora do infante a graça de a deixar na prisão.

O apparecimento del-rei D. Affonso, n'esta occasião, põe termo á lucta, entre a paixão ardentissima e arrebatada de D. Pedro e o amor sincero e nobilissimo de D. Ignez. O infante refere ao monarcha o proposito em que estava de se revoltar contra o paterno e regio poder, a fim de salvar os preciosos dias da esposa, que recebêra á face dos altares, e cuja posse não consentiria que ninguem lhe contestasse; mas não occulta o nobre procedimento de D. Ignez. As palavras da infeliz desarmam a colera del-rei, e a infantil graça dos netos, que D. Affonso não póde deixar de abraçar, operam notavel transformação. El-rei approva o casamento do infante, e determina que esta sua resolução seja communicada á rainha e aos grandes do reino. É tarde já. A bebida [1], que tinham dado a Ignez de Castro, produzira o natural effeito. A infeliz expira nos braços de D. Pedro, no meio da consternação geral. O proprio D. Affonso deplora o infortunio do filho, e muito mais recebendo a noticia de que os moiros, aproveitando a ausencia do principe, haviam derrotado o exercito e se avisinhavam das muralhas de Lisboa.

E d'este modo termina o acto.

No segundo intermedio representa-se a batalha ás portas de Lisboa, entre os moiros e o exercito portuguez. El-rei D. Affonso é morto em combate singular pelo chefe Albaracin, porém o exercito portuguez derrota a moirama. Os vencedores proclamam a victoria das quinas, e a morte de D. Affonso, acclamando D. Pedro novo rei de Portugal. Cumpria-se o preceito de *rei morto, rei posto.*

No terceiro e ultimo acto effeitua-se a coroação de D. Pedro. El-rei mandára preparar, para esta solemnidade, a parte da egreja onde jaziam os restos mortaes de D. Ignez de Castro. Ninguem conhecia, na corte, os intuitos de sua magestade. Antes de passar á egreja, D. Pedro mostra conhecer bem o segredo da rainha e do alcaide de Alpuñar, já corregedor, e ordena que a primeira seja expulsa do reino, e que ao segundo se dê morte no cadafalso.

Junto do tumulo, D. Pedro, com admiração da corte, lança o manto real sobre as cinzas da infortunada esposa, e põe a coroa no alto do sarcophago. Depois toma a espada, abraça os filhos e quer matar-se. Mas surge de repente, no fundo da scena, a sombra de Ignez cercada de anjos, e todos ajoelham.

A sombra exhorta a D. Pedro que poupe a vida que não é d'elle, mas dos filhos e da patria; e diz que Deus permittíra que ella viesse á terra para declarar ao esposo: «Vive e padece, porque a felicidade dos povos carece ás vezes da desgraça dos reis».

Desapparece a sombra dirigindo o derradeiro adeus ao principe e ás criancinhas; e o melodrama conclue com as seguintes palavras de D. Pedro:

«Tão austero e difficil será, meu Deus! o dever dos reis, que é até necessario sacrificar-lhe a felicidade de morrer?»

---

Não procuremos indagar a razão porque Victor Hugo alterou assim a historia de Portugal. Busquemos tão sómente a explicação na epigraphe que o auctor das Memorias collocou á frente dos capitulos que extractámos: «*Les bétises que M. Victor Hugo faisait avant sa naissance.*»

Mas o homem foi-se formando, apesar de tudo.

E a centelha do genio via-se fulgir até n'aquelles trabalhos, em que imperavam, principalmente, os treze annos de edade.

Prosigamos.

(Continua) P. W. DE BRITO ARANHA.

---

## CONVENTOS DE SANTA CLARA E DE S. FRANCISCO EM FRENTE DE COIMBRA

(Conclusão. Vid. pag. 9)

*Convento de S. Francisco.* Passado pouco tempo depois da instituição da ordem seraphica, veiu a Portugal o fundador, S. Francisco de Assis, no anno de 1214, trazendo em sua companhia dois religiosos. Tendo atravessado a Hespanha para visitar Sant'Iago de Galliza, entrou pelas nossas provincias do norte, dirigindo-se a Coimbra, onde se achava a corte del-rei D. Affonso II. A rainha D. Urraca, mulher d'este soberano, recebeu benignamente os tres religiosos, e fez com que o cabido da sé de Coimbra lhes désse para sua habitação e exercicios piedosos a ermida de Santo Antão Abbade, que o mesmo cabido possuia, e estava situada nas visinhanças da cidade, para o lado do norte. O zelo e fervor de S. Francisco, ajudados da devoção da rainha D. Urraca, em breve converteram a ermida em um convento. Tal é em resumidas palavras a historia da introducção da ordem de S. Francisco n'este reino.

Passado pouco tempo, largando Santo Antonio de Lisboa a murça dos conegos regrantes de Santo Agostinho, foi tomar o habito de noviço, e fazer a sua profissão em o novo convento de Santo Antão Abbade. O thaumaturgo falleceu na cidade de Padua, no dia 13 de junho de 1231, e onze mezes depois foi canonisado pelo papa Gregorio IX. Desde então tomou aquelle convento a invocação de *Santo Antonio dos Olivaes*, em commemoração do noviço que viera dar honra ao convento, e em razão das muitas oliveiras que havia em derredor d'aquella casa de oração.

Teriam decorrido um ou dois annos, desde aquella primeira fundação, quando o infante D. Pedro, irmão del-rei D. Affonso II, e que mais tarde foi, pelo seu

[1] Lamotte, na sua tragedia *Ignez de Castro* (1723), tambem empregou o *veneno!*
Esta tragedia, representada, como se sabe, no Theatro Francez, teve successo tão prodigioso que fez epocha na historia dramatica de França. Assim o diz Geoffroy. — *Cours de littérature dramatique*, t. II, pag. 290.

casamento, conde de Urgel, e senhor das ilhas Malhorca e Minorca, agradado das virtudes dos religiosos franciscanos, edificou-lhes em 1217 novo convento junto ao Mondego, além da ponte, feita por el-rei D. Affonso Henriques.

Foi tão augmentada esta fabrica em 1247 por D. Constança Sanches, meia irmã do infante D. Pedro, filha bastarda del-rei D. Sancho I, que essa obra é tida em conta de uma segunda fundação. Esta princeza era muito rica, e com tanta grandeza fez esta construcção, pelo menos no que diz respeito á solidez das paredes e segurança de portas, que por duas vezes foi este convento, em tempo de guerra, aproveitado pelos contendores como fortaleza.

A primeira vez que tal succedeu, foi por occasião de uma das mais cruas e deploraveis luctas civis que tem assolado esta nossa terra. Durante aquella guerra parricida, que por tantos annos armou o braço do infante D. Affonso, ao diante rei IV do nome, contra seu pae, el-rei D. Diniz, viu-se constrangido uma vez este monarcha a acolher-se com os seus frecheiros ao convento de S. Francisco de Coimbra, para se defender, de cima dos seus muros, contra o filho rebelde que o perseguia. Aquellas sagradas muralhas pouparam, sem duvida, á historia de Portugal a nodoa de um grande crime, protegendo por alguns dias o pae e soberano, contra o odio do filho e vassallo. O infante levantou mão da empreza, e retirou-se apressadamente com a sua gente, sabendo que estava a chegar soccorro de tropas aos sitiados.

A segunda scena guerreira de que foi theatro o convento de S. Francisco, procedeu de guerra estrangeira, reinando el-rei D. Fernando.

Este soberano logo no principio do seu reinado entrou pela Galliza á frente do exercito portuguez, pretendendo, como neto de D. Sancho IV de Castella, e por instigação de muitos fidalgos castelhanos, o throno d'esse paiz, que D. Pedro I, o Cruel, assassinado por seu irmão bastardo, D. Henrique, conde de Trastamara, deixára vago por falta de successão, mas cubiçado, e energicamente disputado pelo principe fratricida. Foi uma lucta ingloria para ambos os monarchas, e desastrosa para ambos os reinos, pelos horrores e devastações que reciprocamente commetteram até se ajustar a paz em 1371, reconhecendo el-rei de Portugal a D. Henrique II como rei de Castella.

Apesar das pazes, os dois soberanos ficaram sempre inimigos, e mais tarde rompeu de novo a guerra. D'esta vez foi atiçada pelo infante D. Diniz, filho do nosso rei D. Pedro I, e de D. Ignez de Castro, o qual se refugiára em Castella, tendo-se malquistado com el-rei D. Fernando, seu meio irmão, que tomado de colera chegou a arrancar do punhal para matar o infante, por este não querer beijar a mão a D. Leonor Telles de Menezes, que el-rei acabava de desposar.

Durante esta campanha, chegando a Coimbra o exercito castelhano, foi o convento dos franciscanos cercado de tropas inimigas, occupado militarmente, e convertido em quartel general. N'elle se alojaram, pois, por alguns dias el-rei D. Henrique II, e o infante D. Diniz, que assim tomára armas contra a patria, dando mais ouvidos ás paixões do que aos deveres.

Em compensação d'estes successos de triste recordação, reservou o destino ao convento de S. Francisco d'além da ponte um acontecimento jucundo, que honrou os seus annaes, e que foi para Portugal o precursor das grandes glorias que illustraram seus fastos nos seculos XV e XVI.

As celebres cortes de Coimbra, que pozeram termo ao fatal interregno por morte del-rei D. Fernando, reuniram-se na egreja d'este convento. Foi ahi que se debateu a grave questão da successão da coroa, que trazia divididos os portuguezes. Defendiam uns os direitos de D. Beatriz, filha unica do fallecido rei D. Fernando, e que então se achava casada com D. João I, rei de Castella. Pugnavam outros em favor do infante D. João, filho primogenito del-rei D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, o qual n'essa occasião estava preso em Castella juntamente com o infante D. Diniz, seu irmão. E outros ainda, que antepunham a independencia do paiz a todas as considerações, queriam para rei o mestre de Aviz, o filho bastardo de D. Pedro I, que, á frente dos patriotas, andava disputando o passo ao invasor castelhano, que viera sustentar com as armas os pretendidos direitos de sua mulher.

Foi, portanto, sob aquellas sacrosantas abobadas que resoou a voz eloquente e persuasiva do dr. João das Regras, que, elevando a causa da salvação publica acima de todas as paixões partidarias e de todos os interesses particulares, moveu a assembléa a conferir a coroa real ao mestre de Aviz, acclamando-o com o nome de D. João I no dia 6 de abril de 1385.

Em quanto o convento de S. Francisco, d'est'arte ennobrecido, tomava logar em a nossa historia a par dos monumentos nacionaes de mais alta significação, começava o Mondego a cavar-lhe a ruina. Debalde tentaram os frades oppôr obstaculos á violencia da corrente, quando entumecida com as aguas do inverno. De pouco valeram os vinte degraus, que era preciso subir para se entrar na egreja. Cada anno, que ia correndo, accumulava novas areias sobre os campos visinhos, com que se alteavam as cheias mais e mais, até invadirem todo o templo e as proprias cellas dos frades.

N'estas circumstancias impetrou e obteve el-rei D. Manuel do papa Julio II um breve, datado do anno de 1506, permittindo a mudança do convento para outro logar mais conveniente. Não se procedeu logo a essa mudança, mas escolheu-se o sitio para a nova fundação na encosta do visinho monte de Nossa Senhora da Esperança, e deu-se começo ás obras ainda em vida del-rei D. Manuel. Porém, como estas eram feitas á custa de esmolas, principalmente do povo, caminharam com tamanha lentidão, que só tiveram fim no anno de 1609, em que se fez a trasladação das santas imagens e da communidade em procissão solemne, e com muita pompa.

Do antigo convento de S. Francisco nada resta: tudo foi desfeito pelo rio, ou soterrado pelas areias.

O novo convento é um grande edificio, solidamente construido, e de architectura nobre e regular, como se deixa ver na gravura a pag. 9. A sua chronica não encerra facto algum memoravel, a não ser o ter tido por moradores dois homens notaveis, um pela sua conversão da vida devassa para a religiosa e santa, pelo fervor das suas missões apostolicas, e em fim pelas suas lettras: o outro pela nobreza da sua origem, e pela grandeza do seu infortunio. O primeiro é frei Antonio das Chagas, o veneravel fundador da ordem dos *missionarios apostolicos do Varatojo*. [1] O segundo é D. Filippe, principe de Ceitava, que os portuguezes fizeram prisioneiro na ilha de Ceylão, e que depois de ter estado no collegio dos Catechumenos de Goa, onde recebeu o baptismo, veiu morrer no verdor dos annos ao convento de S. Francisco de Coimbra, onde o queriam fazer estudar.

Não teve este edificio a sorte de tantos outros, que ficaram abandonados e desprezados depois da suppressão das ordens religiosas. Estabeleceu-se n'elle um collegio, que o tem livrado da ruina. A egreja nada contém exterior ou interiormente que mereça mencionar-se. Tem o convento uma horta e cêrca. A nossa gravura é copia de uma excellente photographia do sr. Seabra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Foi um dos mais eloquentes oradores sagrados do seculo XVII, e tambem distincto escriptor. Falleceu no seu convento do Varatojo, proximo de Torres Vedras, no dia 20 de outubro de 1682.